

Maria Teresa de Noronha

A SAUDADE

CONTRIBUIÇÕES FENOMENOLÓGICAS, LÓGICAS
E ONTOLÓGICAS

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

PREFÁCIO

A busca de um sentido e de um significado para o logos poético presente no pensamento ibérico de que nos fala Maria Teresa de Noronha conduz-nos a uma surpreendente descoberta de desertos filosóficos em que não suspeitaríamos encontrar o que não raras vezes tanto desprezamos.

Para essas vozes especulativas, desatendidas, contribui alguma obsessão receptiva do apenas diferente, como se não houvesse na Península e no mundo que Portugueses e Espanhóis descobriram espaço e tempo essenciais para o decisivo enfrentamento não só da universalidade especulativa mas também da busca de identidade cultural, essa, como se sabe, menos propensa a deserções ou distanciamentos porque colada à pele de cada povo para o bom e para o menos aproveitável.

Entre experiências marcantes, mesmo que susceptíveis de aproximações de sensibilidade e lugares, figura a saudade enquanto sentimento, expressão e meditação de finitude e horizonte cósmico, de sentido nostálgico e presença de futuro, de tempo e eternidade, de ser e de amor.

A obra de Maria Teresa de Noronha não é uma topografia que nos remeta para o mais acidental da cultura, para movimentos de ideias com as suas histórias e polémicas próprias, para intrincados debates semiológicos diacrónicos e sincrónicos desse termo saudade. Mas, em todo o caso, também destas coisas somos bem informados, porque a própria natureza do estudo o exige.

Pela via de uma estratégia que enquadra criticamente o fundo cultural da saudade emerge, ao longo destas densas e sensíveis páginas, um exercício dianoético em que se procede, entre outras análises, ao diálogo fecundo com o sentido de regresso ao ser (Khere) da meditação heideggeriana, no horizonte de uma ontologia fundamental.

Pela abordagem de múltiplas textualidades, em que se pergunta pelo saber de si como suidade, se buscam e projectam vozes de origem, parafraçando um dos autores, ainda hoje muito de deserto, como Pascoaes, e se procura resposta para muitos dos problemas, como a saudade de ser.

Esta viagem filosófica de Maria Teresa de Noronha, permanentemente tensa em rigor de análise de um topos interrogante de saudade, arrasta, na multiplicidade de invocações e de confrontos, e são imensos, toda a meditação ontológica do nosso tempo.

E nem se esquece a essencial perspectiva de circunstância, de existência e de verdade que, como nos ensina a autora, figurando «em dispersos na poesia, na literatura e na narrativa histórica do povo galego e português, é uma realidade e a sua reunião compele ao contributo filosófico contemporâneo».

JOSÉ ESTEVES PEREIRA

Nota de apresentação

Importaria, nesta nota de abertura, lembrar como um estranho sentimento de profanação — como o de entrar numa enorme catedral de silêncios e mistérios — se perfilou ao escrever a Saudade. Sentimento que afinal mais e melhor afinava o desejo, apurando a persistência e o respeito tateante e frágil sob a intensa luz da palavra física e espacial, do movimento volátil ao mesmo tempo que granítico da Saudade.

Um livro reconhece-se pelo princípio da presença que vive na continuidade sempre inacabada de uma obra no tempo e, por esta razão, ele não se fecha a qualquer gesto e muito menos se esgota frente ao vazio de um olhar ausente.

O livro que agora nasce reconhece esta experiência, e quanto mais a foi sentindo (numa espécie de exercício de contradição) mais se foi nutrindo desse universo infindável de obras sobre a Saudade portuguesa e galega, nalguns casos esquecidas e outros ocultadas.

Houve, pois, que vogar no disperso, no ímpar, no impensado como forma pura de sobrevivência literária, arrebatando lógicas por intuição e mergulhar na ontologia como ponto seguro da compreensão humana do mundo.

A experiência subjectiva marcou portanto o passo e o chamamento e a voz da presença alcançou o modo fenomenológico como caminho seguro sendo o diálogo com a Saudade possível aos níveis mais recônditos do Inexpresso. Tratou-se de uma sujeição a imponderáveis, resultando daí o carácter de uma obra pessoal construída pela irremediação ontológica e pela evidência fenomenológica nas suas vertentes científicas.

A aporia da Saudade dada à investigação vem-se a descobrir apenas por esta via, sendo apenas por ela que acede mostrar-se na sua forma de pendor científico e transcendental, mas também e sobretudo pelo *logos* poético do qual emana. E neste dar-se provou a importância da participação de um tempo que trouxe, até aqui, o esforço redobrado de hipóteses, que portugueses e galegos fizeram e vêm fazendo há mais de quinhentos anos.

Mas se as contribuições fenomenológicas e ontológicas que constituem o corpo lógico da Saudade são aqui apresentadas, as implicações e as contribuições de ordem ética, política e moral que a Saudade transporta estão por fazer à luz da tradição da filosofia, que sempre há-de desejar a ordem mais justa, porque a mais verdadeira, que sempre há-de evocar, reclamando, a figura do Amor como primeira razão de compreensão da figura do humano no mundo...

Importaria recordar como o regresso à matriz, implicado no desejo da origem, se fez alimentado pela consciência saudosa, ela própria como mecânica pura do «desejo com lembrança de alguma cousa», e como foi por essa «saudade interna» que, curiosamente, acabámos a estudar a Saudade...

Como referência às circunstâncias de vida que acompanharam a escrita da Saudade, devo mencionar o filósofo José Enes por ter sido o primeiro a acreditar que este trabalho era possível. Circunstâncias que devem, do mesmo modo, ao professor e filósofo José Esteves Pereira, da Universidade Nova de Lisboa, um reconhecimento profundo pelo acompanhamento, desde a primeira hora, pelo diálogo atento, o amparo científico. E, finalmente, revelar gratidão pelo incentivo do professor e filósofo Manuel Ferreira Patrício.

Ao poeta João Ulisses pelo seu olhar crítico e questionante, que mergulha fundo nas raízes de um *logos* poético, um agradecimento especial, por ter sido um companheiro atento.

À Sr.^a D. Carmem Santos, pelo trabalho paciente que me prestou e pela amizade incondicional demonstrada, e a todos os familiares e amigos que souberam estar presentes na ausência que durante todos estes anos foi uma presença nesta escrita.

A todos eles o meu reconhecimento.

Porto, 2004.

ÍNDICE

<i>Prefácio,</i> por JOSÉ ESTEVES PEREIRA	7
Nota de apresentação	11

CAPÍTULO I

A SAUDADE

1. O MOVIMENTO E O CONTEXTO.....	17
1.1. A atribuição das causas. A importância da filosofia tradicional	17
1.2. A aporia da Saudade	23
1.3. Desculturar a Saudade	25
1.4. Da inoperância metodológica da ciência psicológica ...	30
1.5. O contributo metódico da gnoseologia e da epistemologia	33
1.6. Variações linguísticas: semântica e pragmática	43
1.7. Aspectos da geografia linguística	51
1.8. Saudade portuguesa e <i>Soledad</i> castelhana	59
1.9. Contribuições filológicas e etimológicas: história linguística	62
1.10. Procedimentos metodológicos: etimologia e filologia ...	66
1.11. Cantigas de amor, de pranto e de amigo: primeira Saudade (manifestativa)	77
2. A RENASCENÇA PORTUGUESA: A SAUDADE E O DESVIO SAUDOSISTA	91
2.1. <i>A Águia</i>	91
2.2. No solo da Renascença	95

3. A RENASCENÇA E O ESFORÇO DE UM RENASCIMENTO. SOB A ÉGIDE DA SAUDADE.	111
4. A POLÊMICA DA SAUDADE.	115
4.1. Filosofia da Saudade e <i>saudosismos</i>	115
4.2. Fernando Pessoa — A Renascença e o Saudosismo.	116
4.3. António Sérgio e a Saudade incompreendida.	121
4.4. Pascoaes e Leonardo Coimbra.	126
4.4.1. Sobre uma ausência de uma biografia de Pascoaes	128
5. LEONARDO COIMBRA — O CRIACIONISMO E A SAUDADE	133

CAPÍTULO II

ONTOLOGIA, LÓGICA E FENOMENOLOGIA DA SAUDADE

1. TEORIA ONTOLÓGICA	145
1.1. Uma espécie de <i>Kehre</i>	145
1.1.1. Os <i>BzPh</i> e a teoria ontológica da Saudade.	151
1.1.2. A história do ser.	156
1.1.3. O espírito.	158
1.1.4. Os vindouros	161
1.2. A «experiência fundamental» da Saudade do ser	174
2. GNOSEOLOGIA: PLATONISMO, PITAGORISMO, ORFISMO	179
3. PANTÉISMO SAUDOSISTA E HILOZOÍSMO DA SAUDADE	189
4. ONTOTEOLOGIA. A SAUDADE DE DEUS.	195
5. TEMPO E SAUDADE — A SIMETRIA TEMPORAL.	204
5.1. Da relatividade física ao pressuposto filosófico	207
5.2. Da ordem do tempo e das ordens temporais	212
5.3. Das assimetrias no tempo da consciência saudosa	217
5.4. Das assimetrias à visão de um tempo <i>tenseless</i>	222
5.5. <i>The moving-now</i> e o <i>model-tree</i> : a direcção do tempo	226
5.6. Anisotropia, assimetrias, entropia, causalidade	227
6. FENOMENOLOGIA DA SAUDADE	233
6.1. O problema do sentido e do significado	233
6.2. Preenchimento na relação noema-noemática	241
6.3. A evidência da saudade — Evidência e verdade	250

7. A FUNDAMENTAÇÃO ÉTICA DO DESEJO	259
7.1. O desejo e lembrança	260

CAPÍTULO III

ESTÉTICA DA SAUDADE

1. DO MODO COMO A SAUDADE SE INSTALA NA FIGURAÇÃO DO <i>DASEIN</i> . A RE-LIGAÇÃO. A FUNÇÃO ESTÉTICA	269
1.1. Saudade desejo e sublime.	269
1.2. Saudade solidão e inumanidade	274
1.3. Saudade amor e espírito	279
1.4. O círculo das identidades: <i>logos poético</i> e criacionismo . .	285
2. A CRIAÇÃO LITERÁRIA E O PAPEL DA SAUDADE	288
2.1. Estética literária — Aspectos históricos	288
2.2. Estranhamento, literariedade, desvio e fenómenos de criação	301
2.3. Semântica extensional e intensional: o papel da <i>Bedeutung</i>	305
2.4. O argumento da diferença ontológica (<i>Differenz</i>)	308
2.5. A língua, o código e o sistema: intuição e imaginação	310
3. SOBRE UMA RAZÃO POÉTICA	316
3.1. Filosofia e poesia	316
3.2. Quando poesia e pensamento se ignoravam	318
3.3. O culto da lucidez. O caso de Antero de Quental	319
3.4. Visão poética e espontaneidade estética: poesia culta e poesia espontânea	322
3.4.1. Sobre a expulsão platónica da poesia.	323
3.5. A legitimação de um <i>logos poético</i> dado. A lógica poética	324
3.6. Narratividade e textualidade: literatura como <i>Weltanschauung</i> . <i>Logos poético</i> e autenticidade.	325
3.6.1. O texto-ser — Origens fenomenológicas da literatura.	327
3.6.2. Textualidade: a raiz ontológica da Saudade e da criação.	330
3.7. Textualidade e <i>Differenz</i> — Hermenêutica ontológica	332
3.7.1. Imaginação e categorias — O papel do <i>logos poético</i>	333
3.7.2. Questões lógicas e ontológicas: conformação e metáfora	335

4. O COMPORTAMENTO DAS CATEGORIAS NO CIRCUITO CRIATIVO. ARTE E SAUDADE	337
4.1. A importância da saudade no sujeito criador: toque original, captação e passagem. O antidiscurso do imaginante A transtemporalidade	337
4.2. A independência produtora da imaginação. A intuição	340
4.3. O argumento interaccionista — A questão da imaginação	341
4.4. A função de verdade e a função de excitação na experiência da imaginação	342
4.5. Saudade e imaginação. Esquematização	344
4.6. Plasmação das categorias: a razão imaginante	346
5. A FILOSOFIA NATURAL DA ARTE	347
5.1. Uma trindade fenomenológica: sujeito criativo, <i>facto</i> bruto e <i>facto</i> artístico	347
5.2. Da magia na arte	348
5.3. Arte sem nomes	350
5.3.1. Filosofia espontânea e fisicalismo estético.	351
6. ACERCA DE UMA ESTÉTICA NORMAL.	353
6.1. Interpretação e sentido no antidiscurso do imaginante	353
6.1.1. Interpretações generativas e interpretações herméticas	358
6.1.2. Limites e metáforas	359
6.1.3. O inexpresso. A Saudade e Interpretação	362
6.2. Da <i>crítica</i> e da história da arte	364
6.2.1. O contributo da historiografia da arte	367
<i>Bibliografia</i>	371